

**O púbere sedutor de Antonio de Pádua: uma
leitura de *Mosaicos azuis desejos***
**Antonio de Pádua's seductive pubescent: a reading
of *Mosaicos azuis desejos***

FRANCISCA ZULEIDE DUARTE DE SOUZA* E JHONATAN LEAL DA COSTA**

RESUMO: PRETENDEMOS NESTE ARTIGO PROBLEMATIZAR A RELAÇÃO DE AFETO GAY ENTRE O PÚBERE E O ADULTO, TOMANDO COMO OBJETO DE ANÁLISE A OBRA *MOSAICOS AZUIS DESEJOS* (2011) DO ESCRITOR DE LITERATURA HOMOEROTICA ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA. ESTA NARRATIVA TRANSGRIDE AO EXPOR O INFANTE COMO O SEDUTOR DO MAIS VELHO, O QUE NOS PEDE UM OLHAR MAIS ATENTO E QUESTIONADOR.

ABSTRACT: WE INTEND TO THIS ARTICLE ANALYSE THE GAY RELATIONSHIP BETWEEN ADULT AND YOUNG, TAKING AS ANALYSIS OBJECT THE NOVEL *MOSAICOS AZUIS DESEJOS* (2011), BY THE HOMOEROTIC LITERATURE WRITER ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA. THIS NARRATIVE TRANSGRESSES EXPOSING THE INFANT AS THE SEDUCTIVE OF THE OLDER, WHICH ASK US FOR A CAREFUL AND QUESTIONER LOOK.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA DE TEMÁTICA GAY, PEDOFILIA, ANTONIO DE PÁDUA.

KEYWORDS: GAY LITERATURE, PAEDOPHILIA, ANTONIO DE PÁDUA.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba.

** Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.

A obra do escritor paraibano Antonio de Pádua Dias da Silva, que desde seus dois últimos romances tem assinado apenas os dois primeiros nomes, nos revela um casal de *personagens tipo*¹ que se faz presente ao longo de seus seis livros de ficção. Trata-se da representação do sujeito infanto-juvenil (criança, pré-adolescente ou adolescente) e do homem de meia idade que se vê atraído sexualmente pela imagem desse primeiro. A termos de análise, nos chama atenção o fato de nessas narrativas o infante, longe de ser plasmado como uma vítima prestes a sofrer um abuso por parte do mais velho, surgir como o principal sedutor edificado no e pelo enredo.

Histórias de jovens fascinantes, despertadores da libido de adultos, já foram contadas por outros escritores. Como principal expoente da temática, temos o russo Vladimir Nabokov (Cf.: 2003, p. 11), que em 1955 causou escândalo ao publicar *Lolita*. “Pela manhã era Lô, não mais que Lô, com seu metro e quarenta e sete de altura e calçando uma única meia soquete. Era Lola ao vestir os jeans desbotados. Era Dolly na escola. Era Dolores sobre a linha pontilhada. Mas em meus braços sempre foi Lolita.” A declaração de Humbert Humbert, narrador autodiegético do romance, revela na primeira página do livro o quão peculiar era a relação com a sua enteada de apenas doze anos: “Lolita, luz da minha vida, labareda em minha carne. Minha alma, minha lama”.

No Brasil, o escritor campineiro Mário Donato é constantemente injustificado como tendo escrito uma versão tupiniquim de *Lolita*, o romance *Presença de Anita*. O que poucos sabem é que mesmo sem ter se transformado em um clássico da literatura universal, o livro do brasileiro fora escrito em 1948, sete anos antes da publicação da história da ninfeta russa.

Assim como Nabokov, Donato (1948, p. 50-1) gerou polêmica na sociedade de sua época, ao ponto de ter sido excomungado pela Igreja Católica. A relação da jovem Anita com Eduardo, um homem mais velho e casado, talvez não impressione tanto quanto o passado da garota, que inicia sua vida sexual com um pintor idoso:

1 Entendemos *personagem tipo* no mesmo sentido defendido por Alfredo Bosi (2007, p. 159), que afirma ser esta instância a representação de um sujeito que possui um conjunto fechado de caracteres psicossociais, de comportamento previsível no sentido da reprodução da própria identidade pública.

O senhor já era alto, e ela, embora crescidinha para os seus treze anos, não lhe chegava nem à altura do peito. [...] Ele agora queria que o tratasse por tu, apinhava-a no colo e gostava de beijá-la. No começo ela tivera um pouco de nojo por causa de seus dentes manchados de fumo. Mas, quando ele beijava, sentia alguma coisa diferente, uma sensação, um calor e um frio ao mesmo tempo, e uma vontade de tirar toda a roupa e sair dançando pelo aposento.

No âmbito da literatura de temática homoafetiva, *O Retrato de Dorian Gray* (1891), do irlandês Oscar Wilde (2009, p. 64), é a referência mais usual em se tratando do assunto proposto por este artigo. Ao produzir encantamento em Lord Henry Wotton e no pintor Basil Hallward, o jovem Dorian inicia uma trama de veneração e loucura: “Sim, esse rapaz era precoce. [...] Vibravam nele a pulsação, a paixão da mocidade, e ele adquiria o conhecimento de si mesmo. Estudá-lo era um deleite. Belo de rosto e de alma, nascera para ser adorado”.

Já na década de oitenta, em *Morangos Mofados*, no conto “Sargento Garcia”, Caio Fernando Abreu (1982, p. 83) narra a iniciação sexual de um rapaz chamado Hermes. A passagem da ingenuidade para a vida adulta, no entanto, é realizada por um homem que tem idade de ser pai do garoto. “O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, imprensado no corredor estreito, eu.”

Quase setenta anos antes da publicação de *Morangos Mofados*, é publicado no Brasil *O menino do Gouveia*, de autoria de alguém que fez uso do codinome Capadocio Maluco (1914, p. 03) para conservar-se no anonimato. E não é para menos. Lançado no início do século XX, a narrativa de quinze páginas ainda é capaz de mexer com a moral burguesa ao retratar um garoto que afirma já ter nascido com um intenso prazer anal: “Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cú e eu herdei também o facto de sentir todos os meus prazeres na bunda” (*sic*).

Seja na literatura, no teatro, ou no cinema, as obras que abordam e problematizam a relação afetiva entre um sujeito mais velho e um mais jovem são inúmeras. Apenas para citar, temos o romance alemão *Morte em Veneza*, de Thomas Mann (1912), a peça *O Despertar da Primavera*, do também alemão Frank Wedekind (1906) e o filme filipino *O Segredo de Antônio*, de Joselito Al-

tarejos (2008). Nesse sentido, se faz importante esmiuçarmos o que há por trás desse tipo de representação que vem fascinando artistas e público de diferentes estilos, localidades e épocas.

Em tempos em que a patrulha contra a pedofilia se mantém em constante vigilância, escrever sobre amores entre gerações tão desiguais pode ser além de audacioso, um ato perigoso. Mas com despudor e coragem, Antonio de Pádua nos apresenta, desde *Sobre rapazes e homens* (2006), este tipo de romance que incomoda, provoca, causa excitação ou repugnância.

Neste trabalho, buscaremos entender como é construída na narrativa do referido escritor paraibano as tensões e problematizações em torno desse amor desigual e duplamente proibido, se o acrescentarmos o peso da homoafetividade. Como objeto de análise, utilizaremos o quadragésimo nono capítulo do romance *Mosaicos azuis desejos* (2011), quinto livro de ficção lançado por Antonio de Pádua. Nele, Mário é um professor universitário que, por conta de seu ofício, visita uma escola e se vê diante de um problema que o desperta sensações de culpa e estimula seu prazer a nível máximo: um colegial no auge da puberdade.

Em artigo publicado no livro *Aspectos da literatura gay*, Antonio de Pádua (2008, p. 37), agora enquanto pesquisador, elenca uma série de características que nos fazem perceber as singularidades que alocam os textos de temática homoafetiva em uma categoria diferenciada das obras pertencentes à literatura como um todo. Em um de seus argumentos estão os motivos de que é feita essa literatura, que ora se preocupará em representar a descoberta de uma identidade gay pelo próprio sujeito homoafetivo (*Apartamento 41*), ora registrará a experiência do preconceito (*Bom-Crioulo*), ora ironizará o mascaramento da homoafetividade por meio da amizade (“Píldes e Orestes”) e ora se deterá “a relação do homem mais velho com um homem mais jovem (lembremo-nos do conto Sargento Garcia, de Caio Fernando Abreu, que retoma a tradição do ‘amor grego’)”.

O amor grego é invariavelmente remetido à ideia de relação homoafetiva masculina entre um sujeito mais velho e um mais jovem. Isso pelo fato da Grécia Clássica desprestigiar as mulheres na sociedade, impedindo que essas tivessem acesso ao conhecimento e, inclusive, recebessem a admiração dos demais membros da comunidade. É que para ser admirado nessa região no século V a.C., era fundamental ser, em primeiro lugar, homem. O masculino

era supervalorizado e associado ao pensamento racional. “As palavras do teatrólogo grego Sófocles atestam a importância atribuída ao homem da cultura grega. Afirmava ele: ‘Muitos são os prodígios; entretanto nada é mais prodigioso do que o homem’”, argumentam os historiadores Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo (2002, p. 71).

Por cerca de dois séculos (VI a.C. e o início de IV a.C.) floresceu na Grécia Clássica a concepção de um termo conhecido por *efebia*. Sobre este fenômeno peculiar, caracterizado pela iniciação de um menino por um homem adulto em sua vida sexual e social, notemos:

A efebia – relação homossexual grega básica – se dava entre um homem mais velho e um jovem. O jovem tinha qualidades masculinas: força, velocidade, habilidade, resistência e beleza. O mais velho possuía sabedoria, experiência e comando. O efebo – púbere – entregue a um tutor se transformava em cidadão grego. Era treinado, educado e protegido. Ambos desenvolviam paixão mútua, mas sabiam dominar essa atração. Esse controle era a base do sistema da efebia. Havia sexo, mas quando o efebo crescia e se tornava um cidadão grego, deixava de ser o amante-pupilo e tornava-se amigo do tutor; casava-se, tinha filhos e buscava seus próprios efebos. (LINS, 2012, p. 64).

No segundo volume de *História da Sexualidade*, Michel Foucault (1998, p. 173), ao tratar dos gregos, expõe que na Grécia Antiga “as relações entre rapazes mais jovens eram consideradas totalmente naturais e até mesmo parte de sua condição”. As qualidades masculinas atribuídas ao vigor físico do jovem, assim como a sabedoria imanente do sujeito mais velho, são facilmente encontradas em personagens de *Mosaicos azuis desejos*. O romance, dividido em sessenta e um capítulos desconexos, narra a história não linear de Mário, um professor de meia idade em busca de preenchimento emocional. É no quadragésimo nono capítulo da obra, no entanto, que ele encontra alguém capaz de representar a esperança do término de seus dias de solidão.

Intitulado de “Elma chips: impossível comer um só!”, o capítulo inicia com o protagonista caminhando em direção a uma escola em que teve de fazer uma visita de rotina. Sua atenção é surpreendida quando visualiza o slogan da empresa de salgadinhos de milho *Elma Chips* estampado em uma caixa de papelão, ao lado de um jovem que descansava sentado em um batente de

concreto: “Estava próxima, a caixa, a um dos garotos que sentavam naquele batente de cimento cru e grosso.” (PÁDUA, 2011, p. 179)

A imagem da caixa de salgadinhos, tão evidenciada pelo narrador, nos remete não só as guloseimas da infância como à “caixa de Pandora”, artefato da mitologia grega que, uma vez aberto, soltaria todos os males do mundo. Os adjetivos atribuídos ao local onde o estudante se encontra também carrega multiplicidade de sentidos. Ao afirmar que o rapaz está sentado em algo *cru* e *grosso*, o narrador faz uso de um léxico comumente conferido ao falo e as experiências sexuais. E é ao posicionar o púbere em cima de uma metáfora fálica que o narrador nos prepara para a temática em que se desenrolarão as páginas seguintes do texto.

Ao descrever o espaço, a narração evidencia: “O pavimento de acesso a escola que visitava era tranquilamente semelhante às escolas de séculos passados.” (IDEM). Apesar de não haver nenhum referencial preciso que nos indique isso, parece haver no narrador um desejo de regresso, no intuito de ambientar seus personagens em “séculos passados”. Quem sabe, no período da Grécia em que as relações entre mestre e discípulo iam além do mero estudo acadêmico.

O narrador dá continuidade ao texto exercendo o seu papel, desta vez, descrevendo o rapaz que chamara a atenção do professor: “O meninão estava ali, meio desajeitado, pernas abertas, tendo partes das canelas à mostra. Já havia sinais escuros de pelos. As coxas grossas.” (PÁDUA, p. 179-80). E é ao focar em traços físicos do garoto, evidenciando principalmente suas pernas – referência de força e velocidade –, que a voz que conduz o leitor de *Mosaicos azuis desejos* apresenta o seu efebo.

Quando se trata do escritor Antonio de Pádua, no entanto, a escrita se transforma em um instrumento que pode ser facilmente manipulado, sem que muitas vezes percebamos as mãos habilidosas que tercem um enunciado persuasivo – porém questionável. *Mosaicos azuis desejos*, por exemplo, apresenta vários narradores em diferentes pontos de vista, em um intercâmbio dialético que contribuem para o resultado final desejado pelo *autor implícito*.

Entendemos narrador como o sujeito do enunciado, o juízo que desempenha o papel de proferir a ação à qual o enunciado se refere. Santos e Oliveira (Cf.: 2011, p. 2) corroboram esta definição e citam Gérard Genette ao tratarem das visões da narrativa. De acordo com o crítico francês, os pontos

de vista do narrador são determinados pela relação que ele mantém com a história contada. Assim, temos três tipos básicos de narradores: heterodiegético, autodiegético e homodiegético. O primeiro possui uma visão onisciente e não participa da narrativa enquanto personagem; o segundo está para as narrativas escritas em primeira pessoa, com um narrador protagonista; e o terceiro, por sua vez, caracteriza o narrador que participa da história como um personagem secundário. (Cf.: SANTOS & OLIVEIRA, 2011, p. 5-8).

Já a noção de *autor implícito* é cunhada por Wayne Booth e difundida no Brasil por Maria Lúcia Dal Farra (Cf.: 1978, p.??), a qual afirma ser este o sujeito da enunciação, aquele que efetivamente exerce poder sobre o narrador e o manipula conforme suas estratégias. O *autor implícito* é o escritor que, ao decidir os níveis e parâmetros em que sua história será contada, não se reprime ao fazer com que seu(s) narrador(es) simule(m) e encene(m) ser(em) o verdadeiro articulista do texto produzido.

Todas essas definições são importantes para compreendermos como é construído o emaranhado de vozes que se alternam no enunciado de *Mosaicos azuis desejos*, as quais passam facilmente despercebidas pelo leitor distraído. Feitas essas ressalvas, voltemos ao enredo do livro em análise.

Após fitar o estudante sentado no batente “cru e grosso”, o narrador heterodiegético relata que Mário “acredita que é apenas uma tolice passageira olhar aquele ‘crianção’ e por ele sentir desejo” (PÁDUA, 2011, p. 179). Mas as palavras desse narrador são bem calculadas. É difícil perceber o real Mário, o real garoto, e até mesmo o real narrador. Isso porque, por mais que seja identificado como heterodiegético, o narrador desde capítulo parece não ter sido beneficiado pelo *autor implícito* com a capacidade da onipotência, visto estar sempre no campo das hipóteses e suposições:

Ele deve ter seus quinze anos. Ele ainda não tem bigode feito. A pele amaciada pelo muito da oleosidade. A maciez e leveza daquela pele ainda criança, ainda virgem, ainda sem muita esperança. Aquele menino que precisa. Aquele rapazinho que quer. Aquele homem que quer o homem ainda imaturo. (PÁDUA, 2011, p. 180)

Nessa passagem, fica claro que a idade do garoto é apenas uma suposição do narrador, que tem sua onisciência “apagada” pelo *autor implícito* – que age

com solidariedade ao protagonista da história, uma vez que Mário também não sabe a idade do menino que está a sua frente. O estudante, no entanto, pode ter quatorze, treze, doze ou dezesseis anos. Nada impede que a idade estipulada ao jovem tenha sido propositalmente falseada pelo narrador, no desejo de que o rapaz fosse representado como sendo mais velho do que realmente o é. Tal artifício poderia ser justificado pelo temor sentido pelo protagonista por se ver atraído por alguém tão novo: “Ele acredita mesmo, mataria até para se defender, que o seu pecado tem muito perdão por não realizar aquilo que sonha por medo inconsciente.” (PÁDUA, p. 179-80).

Realmente seria um temor tão inconsciente? É notório que, diferente do que ocorreu na Grécia Clássica, a relação sexual de um adulto com um *vulnerável* é legalmente proibida no Brasil. Os casos envolvendo o encontro íntimo entre homens e menores tendem a não só despertar repugnância na sociedade, como se transformam em escândalos espetacularizados pela mídia. “Em 1993, o ídolo pop Michael Jackson foi acusado pela primeira vez de pedofilia. O pai de Jordan Chandler, um menino de 13 anos, o processou por abusar sexualmente do seu filho”. (LINS, 2012, p. 73). De acordo com Leandro Sarmatz (2002, p. 40), o mesmo ocorreu com Eugênio Chipkevitch, um conceituado médico de São Paulo que sedava e mantinha relações íntimas com pacientes pré-adolescentes. Nem mesmo um dos mais famosos escritores da literatura infantil escapou à acusação de pedofilia:

O escritor inglês Lewis Carroll (1862-1898), autor de *Alice no País das Maravilhas* (1865), costumava fotografar meninas em parques, inclusive uma garota de 4 anos chamada Alicia Lidell, que, mais tarde, inspirou a personagem do seu livro. Mesmerizado pela beleza provocativa de Alicia, o escritor a cortejava de forma quase acintosa – a ponto de a mãe da menina forçar o afastamento dos dois. (SAMATZ, 2002, p. 42)

De acordo com Samatz (Cf.: 2002, p. 40), a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a pedofilia como a ocorrência de práticas sexuais entre um indivíduo maior de dezesseis anos com uma criança na pré-puberdade (treze anos). No Brasil, aplica-se dentre outros o artigo 217-A do Código Penal para punir a prática de pedofilia. Não existe no nosso ordenamento jurídico o tipo penal com o *nomen iuris* “pedofilia”. Portanto, a pedofilia não é definida como

crime pela legislação. O que é considerado como crime é a conduta pedófila.

Em estudo acerca da pedofilia realizado por Lopes (Cf.: 2011, [s/p]), foi observado que a idade mínima para consentimento de atividades sexuais no nosso ordenamento jurídico é de quatorze anos. Ela afirma que o legislador brasileiro, ao tomar a conduta do estupro de vulnerável pela idade, seguiu a orientação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), que definiu a pedofilia como sendo o desejo de um adulto por uma criança de até treze anos. Por outro lado, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera que a infância é finalizada aos doze anos, período em que o sujeito adentra na adolescência – a qual se estenderá até os dezoito. Nesse sentido, os crimes cometidos contra os adolescentes também poderão ser punidos com base nas leis estabelecidas pelo ECA.

Ao observar esses parâmetros, não é difícil imaginar porque o narrador heterodiegético da obra em estudo relutaria em expor que Mário estava atraído por um garoto com menos de quinze anos. E esse conflito é representado pelo texto. Ao introduzir um narrador autodiegético para alternar com o heterodiegético, a tensão entre o desejar e o reprimir é formalizada: “Ele está quase saltando sobre o rapaz e sentando no colo do que está sentado. *Eu sentaria em seu colo, se ele fosse mais velho.* Mente, esse professor mente. Ele quer sentar agora. Ele está disfarçando.” (PÁDUA, 2011, p. 180, grifo nosso)

Ora em primeira pessoa, como narrador autodiegético, o personagem Mário revela o medo e a impossibilidade de se relacionar com um garoto; ora o narrador em terceira pessoa, heterodiegético, desvela os argumentos do professor, que passa a ser desnudado frente ao leitor do texto. Ao passo que o discurso do narrador autodiegético é imbuído dos valores morais e culturais instituídos socialmente, o de seu opositor é guiado unicamente pelo desejo do instante.

Ao travar uma espécie de duelo, o narrador heterodiegético começa a interferir nos turnos do narrador autodiegético com mais altivez. Sem aparentar persuasão – ainda que o faça – o narrador heterodiegético elenca argumentos que convencem não só o outro narrador, como o próprio leitor do texto: “Ele tem quinze anos, nunca beijou antes, mas já sabe do calor do sexo, porque já se esfregou no sexo de outro homem, um tio que o quis seduzir.” (IDEM). E continua:

A boca dele, o nariz, o rosto bem afilado: parece um filhote de raposa em sua primeira experiência a sós: louco para encontrar uma presa, quando ainda se

sente, pela imaturidade, sob o olhar de um predador. Passa entre a parede e o garoto. Por um instante fica lado a lado ao rapaz que o olha, parece falar com os olhos e pedir para que o tire dali o mais rápido possível: quer fugir, fugir, ir para bem longe onde seja possível não encontrar nem mais uma alma vivente à exceção daquele homem que ali se encontrava. (PÁDUA, 2011, p. 180)

A legitimidade em vias de verdade dos argumentos utilizados pelo narrador heterodiegético no intuito de convencer o protagonista a dar vazão ao seu desejo é, no mínimo, incerta. Principalmente quando lemos com minúcia o que está posto em seu discurso. Inicialmente é colocado que o garoto já vivenciou uma experiência homoafetiva. Mas não uma experiência qualquer, fora com um “outro homem, um tio”, ou seja, alguém consideravelmente mais velho que ele. Verdadeira ou não, essa afirmação é estrategicamente utilizada para persuadir Mário e posteriormente o leitor, com a ideia de que não é preciso se preocupar com a integridade física e psicológica do estudante, uma vez que ele já fora sexualmente violado por um homem maduro. E nada o impediria que fosse de novo.

Em seguida é declarado que o estudante não só está desejoso de encontrar um parceiro sexual, como quer fugir com o “homem que ali se encontrava”. Para um narrador astucioso, que usa da probabilidade na composição de seu discurso, confiar cegamente em seu testemunho pode ser uma atitude tão ingênua quanto dar crédito a todas as acusações lançadas por Dom Casmurro sobre Capitu.

Silviano Santiago (2000, p. 42), em *Uma literatura nos trópicos*, nos lembra de que a retórica da verossimilhança não possui compromisso com a verdade dos fatos, mas apenas com o método persuasivo de convencer os outros sobre determinada opinião. Ao utilizar os princípios de Fedro, o estudioso expõe:

Para aquele que se destina a ser orador é absolutamente desnecessário ter aprendido o que constitui a realidade da justiça, mas antes o que dela pode pensar a multidão, que precisamente deve decidir; não tanto o que realmente é bom ou belo, mas o que ela pensará a respeito disso. Eis aí, de fato, qual é o princípio da persuasão, mas não da verdade.

Problematizar essas várias vozes que penetram e dão forma ao enunciado de *Mosaicos azuis desejos* é perceber a complexidade do trabalho realizado

pelo *autor implícito*, o qual elege as potencialidades discursivas que cruzarão e dialogarão em seu texto. Notar a presença de um narrador dominante, em terceira pessoa, e o de um que é persuadido e silenciado, em primeira, pode nos revelar mais que as estruturas formais utilizadas pelo escritor da obra ao representar conflitos sexuais de sujeitos contemporâneos: revela-nos a ideologia de um autor por trás do texto, que se posiciona ficcionalmente enquanto indivíduo reprimido por normas sociais, e sujeito possuidor de desejos liberados por um narrador de retórica afiada, no campo da escrita.

Sinônimo da relação afetivo-sexual mantida entre homens, o amor grego não se extinguiu com o passar dos séculos. Ainda que vivenciado às escondidas, em casos que não se configuram necessariamente como crime pedófilo (envolvendo jovens maiores de treze anos), ou até mesmo se caracterizando pedofilia (como o exemplo da personagem Anita, citada anteriormente), a relação entre adultos e púberes continuará a fazer parte do imaginário erótico de inúmeros sujeitos.

Prova disso é a representação da efebria na contemporaneidade figurada por Mário e o jovem estudante que ele por acaso encontrou. Após analisar o rapaz minuciosamente, especulando que ele estaria à espera de um homem que o tirasse do marasmo, o professor finalmente dá início à investida em busca de seu objeto sexual: “Todo o processo de indução do outro, ou de aliciamento de menores, tem seu início com esse sentar-se próximo a.” (PÁDUA, 2011, p. 181)

E nessa passagem, traído pelas próprias palavras, o narrador heterodiegético prova, mais uma vez, que não podemos confiar no que ele diz. Se anteriormente ele afirmou que o garoto estava desesperado para fugir com “o homem que ali se encontrava”, por qual motivo, agora, ele diz que seria necessário que o professor se sentasse próximo ao estudante para ainda dar início ao processo de *indução* e de *aliciamento de menor*?

Sem permitir o surgimento de nenhum diálogo, como que para não dar o direito dos personagens denunciarem suas meias verdades, os narradores, agora compactuando, continuam a nos conduzir apenas por seus enunciados que alternam entre si. Mas é só após a tentativa do aliciamento que nos é revelado que o protagonista não precisaria se esforçar para alcançar o seu intento: “O garoto me puxa para um estreito corredor logo após aquelas escadarias. Vou sendo levado com um certo prazer flutuante. Sinto-me nas

nuvens e não sei em que céu posso navegar. Chegamos a um quarto escuro e sujo.” (IDEM)

Diferente do que nós, leitores, poderíamos esperar, não é o homem mais velho que dá procedimento aos intercursos sexuais em *Mosaicos Azuis Desejos*. Mesmo que tal ação da diegese seja mais uma “artimanha” do narrador, ao distorcer as verdades como os narradores de Machado de Assis, não podemos cometer a negligência de ignorar o que está *posto* no texto. Ao assumir a condução dos acontecimentos, o estudante inverte seu papel com o professor, o que, para a psicanálise, revelaria um desejo de sentir-se superior àquela figura que, em sala de aula, o aloca para um espaço de inferioridade. Desse modo, nessa nova hierarquia estabelecida, o aluno passa a estar acima de seu tutor.

“Tomou-me pela mão, tocou meu peito, meus lábios, minha face. Intencionou um beijo, tocou meu sexo por sobre a roupa, sentiu-me em estado de fogo e não expressou um só sorriso” (IDEM). Essa passagem não apenas corrobora o que afirmamos no parágrafo anterior, sobre a inversão de papéis (até a seriedade típica dos homens mais velhos o rapaz assumiu, ao não esboçar “um só sorriso”), como nos traz outro dado importante para a compreensão da obra.

De acordo com Samatz (2002, p. 43), “a criança nunca é parceira na relação de um pedófilo, mas seu objeto, pois é um ser indefeso, dominado sadicamente”. Por sadismo, Freud (1973, p. 50) entende que “corresponderia a um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição de liderança”. Nesse sentido, mesmo que o estudante de *Mosaicos* não possuísse quinze anos de idade como supôs o narrador, esse púbere não se enquadraria nos casos comuns de pedofilia, em que não só não há consentimento da vítima, como ela se transforma em objeto sexual de um sadomasoquista.

No capítulo do romance em análise, no entanto, a vítima, ou melhor, o objeto sexual de um sadomasoquista, é o homem mais velho, o qual se vê rendido pelas determinações do mais novo. Sobre as ações inesperadas do jovem, o narrador comenta admirado: “Parecia uma máquina efetuando um exercício para o qual ela já havia sido programada”. (IDEM). Esse comportamento do efebo, por outro lado, não revela nenhuma surpresa ao Pai da Psicanálise:

Frequentemente ocorre que um jovem se apaixonava seriamente pela primeira vez por uma mulher madura, ou uma jovem por um homem de idade que desfrutava de posição de autoridade: isto é claramente um eco da fase de desenvolvimento que vimos discutindo, já que estas figuras são capazes de reanimar retratos de sua mãe ou pai. Não pode haver dúvida de que toda e qualquer escolha de objeto se baseia, embora menos intimamente, nestes propósitos. (FREUD, 1973, p. 125)

Se nos guiássemos pela teoria de Freud para interpretarmos o desfecho dessa relação efébrica em *Mosaicos azuis desejos*, diríamos que Mário não se permitiu dar concretude a um ato pedófilo, pois ao enxergar o púbere como um possível filho, recusou-se a cometer o incesto. “Esbocei chegar à sua boca, mas a culpa, a minha culpa, a minha máxima culpa impediu-me de tal ato”. (PÁDUA, 2011, p. 181)

Seja pela visualização do incesto, pelo medo de ser rejeitado socialmente por estar com um adolescente, ou por achar que sua atitude poderia ser interpretada incorretamente como pedofilia, Mário silenciou seu desejo e deu espaço a repressão, vinda em forma de culpa:

Eu não conseguia tocá-lo como meus dedos queriam; não tive a coragem de abraçá-lo como meu corpo me impelia. Não conseguia enlaçar-me naquele corpo como já estava preparado. Deixei-o ali e ele saiu na minha direção rua afora. (IDEM).

E assim é finalizada a história de Mário com o garoto que um dia cruzou o seu caminho. Diferente do que acontecia no passado, a prática da efebria, na contemporaneidade, encontra vários ditames que inviabilizam a sua realização. Mesmo em situações aparentemente favoráveis, como a encontrada pelo professor da obra em estudo, é impossível não pensarmos nos inúmeros discursos que coíbem as relações entre adultos e púberes.

Estamos há vários séculos da Grécia Clássica, e tais modificações no modo como nos relacionamos com os jovens já era, de certo modo, esperado. Mas ao analisarmos o final do referido capítulo de *Mosaicos azuis desejos*, percebemos que uma regra de conduta social, no entanto, parece não ter se alterado do período Antigo para cá:

No caso da relação entre homens mais velhos com os rapazes gregos, a ética dos prazeres terá que seguir, através das diferenças de idade, delicadas estratégias que devem levar em conta a liberdade do outro, sua capacidade de recusar e seu necessário consentimento. (FOUCAULT, p. 176).

Sabemos que uma análise mais aprofundada sobre a configuração da pedofilia e de suas relações com a obra em estudo seria necessária para conferir mais sustentabilidade ao que ensinamos nesse trabalho. Em um artigo, porém, isso se torna tarefa inviável, devido às limitações estruturais desse gênero. Enfatizamos, no entanto, que os livros de Antonio de Pádua clamam por um estudo em torno do que aqui fora tratado, mas para isso é fundamental uma pesquisa que demande tempo e condições de verticalizá-la em várias áreas do conhecimento, para só então compreendermos e abordarmos com mais zelo esta temática tão delicada.

Não menos importantes, as análises aqui percorridas nos remetem a algumas constatações. O breve panorama inicial em torno das obras que já trataram da relação de cunho afetivo-sexual entre adultos e púberes nos conduz ao entendimento de que a temática da relação de um homem mais velho com um mais jovem não se restringe às representações construídas em nossa época, tampouco é *leitmotiv* apenas das obras que abordam a homoafetividade, visto os exemplos de *Presença de Anita* e *Lolita*.

Outro aspecto que podemos observar nesse trabalho e que também já vem fazendo parte de um projeto ficcional desenvolvido por Antonio de Pádua ao longo de suas obras é a dubiedade de seus narradores. A visão de Mário é distorcida – ou não – e seus fatos absolutos são questionáveis – ou não. São os narradores que também contribuem para a problematização dos conflitos internos vivenciados pelo protagonista, formalizados no texto pelos sujeitos do enunciado.

A efebria, que aqui fez referência não apenas às práticas sexuais da Grécia Clássica, bem como às relações entre jovens e adultos da Contemporaneidade que nelas parecem se espelhar, nos mostrou que é uma convenção que ainda não desapareceu, apesar de já não poderem se concretizar com a facilidade que se desfrutava nos séculos passados.

Por outro lado, o que talvez tenha sido mais pertinente nas observações realizadas nesse estudo seja a descoberta de que as narrativas de Antonio de

Pádua transgridam a estrutura da própria efebia. A inversão de papéis por parte do púbere e do adulto representa uma contraversão nas posições de valor em que estão alicerçados os postos de nossa hierarquia social. O jovem que se torna adulto, o adulto que se torna jovem, o aluno que ocupa o lugar do mestre, o mestre que retorna ao lugar de aluno, a vítima que vira sado-masoquista, o sadomasoquista que se transforma em vítima. Mais do que plasmar a efebia e desconstruir Ordens, Antonio de Pádua, em *Mosaicos Azuis Desejos*, nos mostra a situação de dessemelhança em que se encontra o sujeito contemporâneo, incapacitado de estabelecer relações de igualdade.

Referências bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.
- DONATO, Mário. *Presença de Anita*. São Paulo: Círculo do Livro, 1948.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2 – O Uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.
- LINS, Regina Navarro. *O livro do amor – Vol. 1*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.
- LOPES, Glaucia Arantes Ferreira. *Pedofilia: o consumidor do material pornográfico*. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/pdf/cj032784.pdf>> Acessado em 20 de Janeiro de 2013.
- MALUCO, Capadocio. *O menino do Gouveia / por Capadocio Maluco*. Rio de Janeiro: Cupido & Comp., 1914.
- NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- MANN, Thomas. *Morte em Veneza*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- PÁDUA, Antonio. *Mosaicos azuis desejos*. São Paulo: Giostri, 2011.
- PÁDUA, Antonio. *Tal Brasil, Queer Romance*. São Paulo: Scortecci, 2012.
- SARMATZ, Leandro. “Inocência Roubada”. *Revista Superinteressante*. São Paulo, ed. 176, maio de 2002.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Abjetos : Desejos*. Olinda: Livro Rápido, 2010a.

- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Eis o mistério da fé*. Olinda: Livro Rápido, 2009.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. “Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay”. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Sobre rapazes e homens*. Campina Grande: EDUEPB, 2006.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- WIDEKIND, Frank. *O despertar da primavera*. São Paulo: Estampa, 2008.
- WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- VINCENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002.